



O presidente Sarney desmentiu rumores de que Maílson seria substituído

Sarney descarta choque econômico

JOZAFÁ DANTAS
Enviado Especial

La Paz — "Não é nosso desejo fazer nenhum choque na economia brasileira". Foi o que afirmou ontem o presidente José Sarney, durante o café da manhã com os jornalistas brasileiros credenciados para cobrir a sua visita oficial de três dias, que terminou quarta-feira. Sarney negou a demissão do ministro da Fazenda, Maílson Ferreira da Nóbrega, afastando todos os rumores de sua queda, como vinha sendo apostado na semana passada pelo meio financeiro. Ele sustentou que quem apostou na saída de Maílson perdeu, na certa.

O presidente José Sarney lembrou que o Governo vem lutando para reduzir o déficit público, principal causa da alta taxa inflacionária, mas dentro do programa ajustamento e diretrizes aprovado por 21 governadores, no primeiro semestre deste ano. Ele garantiu que os parâmetros serão plenamente alcançados. O déficit público vai fe-

char o ano em 4 por cento do Produto Interno Bruto (PIB), enquanto no ano vindouro vai descer para dois por cento, como vem sendo perseguido pelo ministro Maílson. Sarney prometeu entregar o Governo com as suas finanças equilibradas.

Por outro lado, Sarney também negou que o Governo tenha a intenção de adotar a proposta do professor Mário Henrique Simonsen, ex-ministro da Fazenda e do Planejamento, nos governos militares. O ex-ministro sugere a aplicação de um redutor para os preços e salários na ordem de 10 por cento. Isso quer dizer que, no caso da inflação de 24,04 por cento em julho, o aumento seria de apenas 21,64 por cento.

O porta-voz da Presidência da República, Carlos Henrique Almeida Santos, explicou que o Governo já vem fazendo quase a mesma coisa, ao reajustar os preços públicos abaixo do índice inflacionário.

Sarney disse que não deseja impor um novo choque

à economia brasileira, quando um repórter perguntou como ele via a experiência boliviana que, em agosto de 1985, aplicou um choque na economia e reduziu a inflação de 24 mil por cento para apenas 10,7 por cento registrada no primeiro semestre, mas que produziu um brutal recessão, causando problemas na produção, especialmente na área salarial. Ele disse que cada país tem suas peculiaridades, e julga a política que acha necessária para a sua economia. A Bolívia, lembrou, tem apenas 6 milhões de habitantes, com um PIB de 4,6 bilhões de dólares, enquanto o Brasil tem 140 milhões de habitantes e um PIB de 300 bilhões de dólares anuais, com uma renda per capita de 2,6 mil dólares. Ele ressaltou também que existe uma grande evolução no campo de relacionamento do capital com o trabalho. Ele também não quis comentar o novo pacote econômico da Argentina, adotado recentemente para debelar uma inflação de 25 por cento ao mês.